

22/7/82

# O CASAMENTO DAS HIENAS

por Jacinto Khossa (texto) e Luís Souto (fotos)

A criação dos bandos armados em fins de 76, e princípios de 77, beneficiou também do acordo Ian Smith, que via neles uma força complementar, na sua luta contra os nacionalistas zimbabwianos, liderados pela Frente Patriótica. Com efeito, é a partir do território rodesiano que o auto-proclamado MNR, integrando comandos sul-africanos e rodesianos (Sellou Scouts), começa as suas actividades subversivas, sob o comando conjunto da BOSS e do Special Branch.

Mais tarde, o MNR integraria elementos moçambicanos ambiciosos e antipatrióticos, elementos que haviam sido rejeitados durante a estruturação do Partido Frelimo e no processo das eleições das Assembleias do Povo, nomeadamente, antigos servidores do colonialismo português. Lactos de Ian Smith e traidores do Povo Zimbabwiano. Estes elementos tanto em Moçambique, como no Zimbábue actuavam em cumprimento das ordens e dos planos concebidos pelos regimes de Pretória e Salisbury.

Durante os ataques de agressão que a aviação rodesiana efectuava contra alvos económicos no nosso País ou contra campos de refugiados, os elementos dos bandos armados — porque disso se tratam — bloqueavam a retirada dos refugiados zimbabwianos ou assaltavam e saqueavam as nossas aldeias.

Dois zimbabwianos, que haviam sido raptados pelos bandos armados durante o período da luta de libertação daquele País Irmão, contam o seguinte.

— Chamo-me John Rewal Manyaza, tenho 26 anos, nasci no Zimbábue, em M'fasa. Em 1976, entrei em Moçambique, juntamente com alguns «camaradas», com o objectivo de juntar-nos à ZANU-FP na luta contra Ian Smith. Chegámos a integrar as fileiras da ZANU na localidade de Tembwe. Depois dos treinos, fui para Tete onde parti para o interior do Zimbábue a fim de ir combater. Durante um combate contra forças de Ian Smith fui ferido numa perna. Após a nossa retirada, fui transportado e tratado no hospital da Textáfrica em Chimoi. Quando fiquei curado fui para o campo de refugiados em Doerol. Em 1979 fui transferido para Mavonde. Neste ano, as forças de Smith bombardearam o campo de Mavonde e quando estávamos a fugir fomos raptados pelos homens dos bandos armados que, entretanto, nos haviam cercado. Eramos quatro pessoas, três homens e uma mulher.

De combatente pela causa da malária, John Rewal Manyaza lá ser transformado no agente retardador do processo a que, de livre vontade, havia entregue a sua inteligência e energia. Contra a sua vontade, a partir daquele dia, passava a entrar no quadro e esquentar dos bandidos. É a vida que daí em diante passou a levar: «... de um bandido». Ele conta:

— Depois do rapto atravessámos o Rio Púngoé a caminho de Gorongosa. De Gorongosa fui levado para um acampamento onde permaneci uma semana. Depois apareceram os «Camaradas» da FRELIMO que abriram fogo sobre o acampamento tendo morto 40 dos elementos que estavam lá no acampamento. Deste acampamento fugimos para a base de Inhaminga, corria o ano de 1980. Foi em Inhaminga que comecei a sair à procura de comida junto das populações. Da vez que sai com a secção que era chefiada por um indivíduo de nome Manuel, conseguimos de uma só vez e numa só casa 14 sacos de arroz e de milho. Noutro dia sai com aquele que chamam de comissário para uma pequena povoação, onde ele esperava conse-



John Rewal Manyaza — «São pessoas como Muzorewa, Chirau e Sithole que querem coisas destas»

guir dinheiro junto das populações. Estava a choviar naquele dia. Regressámos sem termos conseguido nada.

Então eu aproveitei o momento para fugir. Deixei a minha arma e levei uma granada, mas, mais tarde peguei a arma sozinho sem dono podia levantar suspeitas, então voltei e fui baptizado e voltei a sair. Foi durante um ataque de um sujeito de nome Felipe

lá na zona de Inhaminga e depois seguí só com a granada. Andei até atingir a localidade de Inchope onde me fui entregar às FPLM, em Novembro de 1981.

Pergunta — Como é que se explica que os Bandos Armados estivessem nas imediações quando foram atacados pelo Ian Smith lá no campo de refugiados?

John Rewal Manyaza — Durante a Luta Armada de Libertação os bandidos actuavam em conexão com os rodesianos. Quando o comando militar de Ian Smith definia um alvo, o mesmo era informado aos bandidos armados, os quais tinham a tarefa de se substituir à infantaria rodesiana. Assim Smith atacava por ar e os «BA» faziam o fogo de infantaria, para nos cortar a retirada ou fazendo cobertura ao lançamento de pára-quadistas e mesmo para se aposarem de alguns documentos nossos...

P — Que impressão é que tem de vida que se leva no selo dos «BA»?

JRM — Embora tenha ficado pouco tempo, conseguí ver que aquilo a que chamam de luta é uma coisa injusta porque obrigam as pessoas a estarem lá.

Todos aqueles com quem estive nas bases por onde passei foram raptados. São pessoas como Muzorewa, Chirau e Sithole que querem coisas destas, só para fazer sofrer o Povo. Se a África do Sul fosse um país com sentimentos humanistas devia em primeiro lugar acabar com o racismo e apartheid que tem lá no país. Eu penso que os países que apoiam os outros a vencerem as dificuldades que enfrentam é porque eles próprios deram o exemplo vencendo essas dificuldades. Moçambique ajude a luta de libertação do Zimbábue porque ele próprio linha já derrubado o colonialismo português e proclamou a independência. Agora, o que a África do Sul e a Rodésia estavam a fazer e que a África do Sul continua a fazer é hipocrisia. O que quer é semeiar confusão e os chefes dos Bandidos Armados, durante a luta do Zimbábue conferenciavam com Muzorewa e a sua camarilha. São lacaios dos rodesianos sul-africanos, inimigos de verdade da liberdade.

Com efeito, e por mais estranho que pareça há indivíduos que só se sentem «a vontade» de Joelhos. Não querem oadina, não, querem nada. Só vivem de Joelhos e sentem-se felizes quando

o amo lhes dirige uma milionésima de lisonja, que ficam amuados até à revolta quando alguém lhes tira a trela. São estes os chefes convictos dos bandos armados.

P — Fale-nos da forma como viviam lá nas bases.

JRM — A vida de um bandido arme-



Justin Band — «Nunca abandonei a ideia de fugir deles»

do é vida de um animal. Não há consciência, nem respeito pela dignidade humana. Chegam a casa de uma pessoa onde encontram um indivíduo com a sua esposa. Primeiro espancam o marido e depois, todos mantêm relações sexuais com a esposa do espancado e no fim roubam tudo o que houver na casa.

Este é um caso. Vejamos o outro: Chamo-me Justine Band, tenho 24 anos, nasci no Zimbábue, em Padro, sou tractorista de profissão, trabalhava na serração de Mutambara. O meu pai chama-se Band, é natural do Zimbábue e a minha mãe chama-se Camma, natural de Moçambique.

A minha ligação com os bandos armados começou assim: Em 1977 salí do Zimbábue a fim de ir visitar o meu pai em Rutanda-Manica. Era de noite quando os bandidos chegaram. Batearam à porta e eu e o meu pai saímos sem mais palavras apontaram-me a arma e disseram que devia acompanhá-los.

Levaram-me para o campo de Hodzi no Zimbábue. Tive treinos militares durante 3 meses. Depois dos treinos fiquei 6 meses sem fazer nada, a não ser construir pequenas cabanas lá no campo de Hodzi.

Em Janeiro de 1978, fugi para Tambara. Em Outubro de 1979, fui novamente preso pela Polícia rodesiana a qual me levou para o campo de Hodzi. O chefe perguntou onde é que eu tinha estado e disse-lhe que estava em casa. Então ele disparou por cima da minha cabeça e disse que era um aviso e que caso eu tentasse uma nova fuga havia de matar-me. Fui metido na cadeia, onde permaneci 11 meses. Em Dezembro de 1979, fui metido num grupo com outro homem. Em Janeiro de 1980 entramos em Moçambique pela zona de Pandel e fomos ficar em Muchamba na zona do Dombene. Nesta base fomos então divididos em grupos, uma para emboscar os carros com destino a Maputo e Beira e outros para assaltar e queimar aldeias. Ainda no ano de 1980 fomos transferidos para a zona de Mate.

Em Pungu, tivemos um encontro com as FPLM. Perdemos muitos elementos e tivemos que abandonar até os nossos feridos. Passada uma semana, tentámos emboscar as FPLM, mas fomos batidos uma vez mais e fugimos. De regresso à base, passei a ter a missão de andar a roubar comida, mas certo dia, sparcaram elementos das FPLM que nos atacaram e ocuparam a base. Tivemos muitos mortos e feridos. Do local onde nos fomos concentrar depois do ataque, foram destacados 10 elementos para irem à base de Mussapa a fim de levar uma carta ao comandante daquela base. Eu fui um dos destacados. Entregámos a carta à noite e eu mais um dos elementos que constituíam os dez destacados fugimos daquela base. Eu dirigi-me directamente para o Zimbábue. Quando lá cheguei dirigi-me à casa da minha mãe a qual me disse que o meu pai se encontrava em Moçambique. Então fui até à casa do meu pai em Rutanda donde fui apresentar-me às FPLM.

Os depoimentos que acabamos de transcrever retratam fielmente as forças que no «oculto» concebem, planificam e comandam os actos de sabotagem que têm como palco o nosso País e como alvo os nossos objectivos económicos. São os desígnios do imperialismo que estão em acção, os quais, com a derrota de Ian Smith no Zimbábue, são executados pelo racismo racista, e minoritário da África do Sul.

O objectivo da todas estas manobras é o de debilitar o nosso progresso económico para perpetuar assim a nossa dependência económica. Os factos falam por si: isto é uma guerra. Uma guerra não declarada que os racistas da Pretória, movem ao Povo moçambicano.